

«Um livro que pode assustar, arrepiar ou enganar,  
mas que é inegavelmente fascinante.»

*The Independent*

# HERMAN KOCH O JANTAR

Até onde iria para proteger  
a sua família?



NICE GUY EDDIE

Vá lá, mete aí um dólar.

MR. PINK

Né pia. Eu não dou gorjetas.

NICE GUY EDDIE

Como assim, não das gorjetas?

MR. PINK

Não acredito nisso.

QUENTIN TARANTINO, *Cães Danados*

# APERITIVO

# 1

Fomos jantar ao restaurante. Não vou dizer qual, porque senão da próxima vez estará provavelmente cheio de pessoas que vão verificar se lá estamos de novo. O Serge fez a reserva. É sempre ele que trata disso, da reserva. É daqueles restaurantes em que é preciso telefonar com três meses de antecedência — ou seis, ou oito, nem sei. Sinceramente, não tenho o menor interesse em saber com três meses de antecedência o que irei comer em determinada noite, mas pelos vistos há pessoas que não têm problema nenhum com isso. Quando, daqui a uns séculos, os historiadores quiserem saber que tipo de loucuras fazia a humanidade no início do século XXI, bastar-lhes-á dar uma vista de olhos nos computadores dos chamados restaurantes de topo, porque todos esses dados, sei-o eu, estão guardados. Se o Sr. L., da última vez, esteve disposto a esperar três meses por uma mesa junto à janela, então não se importará de esperar cinco meses por uma mesinha à entrada da casa de banho — a isso chama-se, nos ditos restaurantes, «manter os dados dos clientes atualizados».

O Serge nunca reserva com três meses de antecedência. O Serge reserva-a no próprio dia, fá-lo por desporto, diz. Há restaurantes que têm sempre uma mesa livre para pessoas como o Serge Lohman, e este é um desses restaurantes.

Um dos muitos, de resto. Uma pessoa até se pergunta se ainda haverá um restaurante no país em que não lhes dê um espasmo quando ouvem o nome Lohman ao telefone. É óbvio que não é ele próprio quem telefona a reservar, isso é trabalho da secretária ou de um dos seus colaboradores mais próximos. «Não te preocupes», disse quando me ligou uns dias antes. «Eles lá conhecem-me, eu trato de arranjar mesa.» Eu só tinha perguntado se ainda nos iríamos telefonar caso não houvesse lugar e, se assim fosse, onde poderíamos ir então. Senti um tom algo condescendente na sua voz do outro lado da linha, quase que conseguia adivinhar um abanar de cabeça. Um desporto.

Havia uma coisa que não me apetecia nem um pouco esta noite: não queria estar presente quando o Serge Lohman fosse cumprimentado pelo proprietário do restaurante ou pelo gerente como um velho conhecido; quando fosse conduzido pela empregada até à melhor mesa, ao lado do jardim; como ele iria fingir que nada disso tinha a menor importância, uma vez que, no fundo do coração, sempre se mantivera um homem comum e, por isso mesmo, se sentia à vontade sobretudo entre outras pessoas comuns.

Fora por isso que lhe dissera que nos encontraríamos no restaurante e não, como ele tinha sugerido, no bar da esquina, igualmente frequentado por muitas pessoas comuns. A maneira como o Serge Lohman faria a sua entrada, como um indivíduo comum, com um esgar que significava, precisamente, que todas essas pessoas comuns deviam continuar a conversar e a fingir que ele não estava presente, era outra das coisas que não me apetecia esta noite.

## 2

Como o restaurante fica apenas a umas ruas de distância da nossa casa, decidimos ir a pé. Desse modo, também passávamos pelo bar onde eu não tinha querido combinar com o Serge. Eu tinha posto o braço à volta da cintura da minha mulher e a mão dela encontrava-se algures debaixo do meu casaco. Na fachada do bar brilhava a luz quente, vermelha e branca do anúncio da marca de cerveja que aí serviam.

— Ainda é cedo — disse eu. — Ou melhor, se formos agora mesmo, chegamos precisamente à hora combinada.

A minha mulher. Não devia continuar a chamá-la assim. O nome dela é Claire. Os pais tinham-na chamado Marie Claire; contudo, mais tarde, a Claire não quis ter o mesmo nome que uma revista. Às vezes chamo-lhe Marie só para implicar com ela, mas raramente a trato por «minha mulher» — só de vez em quando, em situações oficiais, em frases do tipo: «A minha mulher neste momento não pode atender o telefone.» Ou: «A minha mulher tem mesmo a certeza de ter reservado um quarto com vista para o mar.»

Nestas noites, eu e a Claire aproveitamos ao máximo os breves momentos em que estamos só os dois. É como se ainda estivesse tudo em aberto, como se o encontro marcado para jantar fosse, na verdade, um engano, como se fôssemos só nós

dois a sair juntos. Se tivesse de definir felicidade, seria assim: a felicidade basta-se a si mesma, não precisa de testemunhas. «Todas as famílias felizes se parecem; cada família infeliz é infeliz à sua maneira», é a primeira frase de *Anna Karénina*, de Tolstoi. No máximo, acrescentaria que as famílias infelizes — e logo, dentro dessas famílias, os casais infelizes — nunca conseguem sê-lo sozinhas. Quanto mais testemunhas, melhor. A infelicidade procura sempre companhia, não suporta o silêncio — sobretudo, não suporta os silêncios constrangedores, que surgem quando está só.

Assim, eu e a Claire sorrimos um para o outro no bar, ao recebermos as nossas cervejas, sabendo que, dali a pouco, iríamos passar uma noite inteira na companhia do casal Lohman: sabendo que este era o melhor momento da noite e que dali em diante só iria piorar.

Não tinha vontade nenhuma de ir comer ao restaurante. Nunca tenho vontade. Um encontro marcado para um futuro próximo é o portal do Inferno, a própria noite é o Inferno ele mesmo. Começa logo de manhãzinha, em frente ao espelho: o que vestir e se devo ou não fazer a barba. Com efeito, no fim, tudo é uma declaração: sejam umas calças de ganga cheias de rasgões ou uma camisa passada a ferro. Se se tiver uma barba de um dia, é porque se é demasiado preguiçoso para a fazer; com uma barba de dois dias, é inevitável que perguntem se a barba faz parte de um novo visual; e, com uma barba de três dias ou mais, é só um pequeno passo para o descalabro total. «Está tudo bem contigo? Não estás doente, pois não?» Faça-se o que se fizer, não se é livre. Faz-se a barba, mas não se é livre. Fazer a barba é igualmente uma declaração. Pelos vistos achaste esta noite tão importante que te deste ao trabalho de te barbeares, pensam os outros — só pelo facto de se ter feito a barba, já se está em desvantagem.

E depois há a Claire, para me lembrar, em noites como esta, que esta não é uma noite qualquer. A Claire é mais esperta do que eu. Não digo isto motivado por nenhum sentimento feminista mal-amanhado ou para cair nas boas graças das mulheres. Também nunca afirmarei que «as mulheres no geral» são mais espertas do que os homens. Ou mais sensíveis, ou mais intuitivas, ou que «sabem mais da vida» e todas essas palermices que, bem vistas as coisas, são mais frequentemente proferidas pelos ditos homens sensíveis do que por mulheres.

A Claire é simplesmente mais esperta do que eu, e devo dizer que me levou algum tempo a admiti-lo. Nos primeiros anos da nossa relação, é verdade que a achava inteligente, mas nada de excepcional; tão inteligente como seria de esperar que a minha mulher fosse. Alguma vez eu ficaria mais de um mês com uma mulher estúpida? De qualquer forma, a Claire era suficientemente inteligente para, mesmo passado um mês, eu ainda estar com ela. E agora, quase vinte anos depois, isso não mudou.

Bom, portanto, a Claire é mais esperta do que eu, mas, em noites como esta, pede sempre a minha opinião sobre o que vestir, que brincos pôr, se deve apanhar o cabelo ou deixá-lo solto. Usar brincos é, para as mulheres, mais ou menos o que fazer a barba é para os homens: quanto maiores os brincos, mais importante, mais festiva a noite. A Claire tem brincos para todas as ocasiões. Poder-se-ia dizer que tanta insegurança acerca da roupa não é grande demonstração de inteligência. Mas eu penso de outro modo sobre o assunto: só uma mulher estúpida pensaria conseguir desenvencilhar-se sozinha. «O que é que um homem percebe destes assuntos?», pensaria uma mulher estúpida, fazendo, de seguida, a escolha errada.

Por vezes, tento imaginar se a Babette alguma vez pergunta ao Serge Lohman se o vestido que escolheu é o adequado. Se o

cabelo não está demasiado comprido. O que acha o Serge dos seus sapatos. Os saltos não serão demasiado baixos? Ou demasiado altos, precisamente?

E logo qualquer coisa nessa imagem falha, algo que, pelos vistos, é inimaginável. «Não, está bastante bem assim», ouço o Serge dizer. Mas ele só está meio presente, nada daquilo lhe interessa verdadeiramente, e, além disso, mesmo que a mulher levasse o vestido errado, os homens continuariam na mesma a voltar as cabeças quando ela passasse. Não há nada que não lhe fique bem, de que é que ela se queixa?

Este não era um bar em voga, não apareciam tipos vestidos segundo a moda — não é *cool*, diria o Michel. As pessoas comuns eram, de longe, a maioria. Não especialmente velhas ou novas, era mais tudo à mistura, para dizer a verdade. Mas era sobretudo gente comum. Era assim que todos os bares deviam ser.

Havia muita gente. Estávamos próximos um do outro, ao pé da porta da casa de banho dos homens. Com uma mão, a Claire segurava a cerveja e, com os dedos da outra, apertava-me suavemente o pulso.

— Não sei — disse ela —, mas, nos últimos tempos, tenho a impressão de que o Michel anda a comportar-se de forma estranha. Não será tanto estranha, mas diferente do normal. Distante. Não achas?

O Michel é o nosso filho. Faz dezasseis anos na próxima semana. Não, não temos mais filhos. Não era um plano estipulado pôr um filho único no mundo, mas, a dada altura, tornou-se simplesmente demasiado tarde para outro.

— Achas? — retorqui. — É capaz.

Era melhor não olhar para a Claire, conhecíamos-nos demasiado bem, os meus olhos trair-me-iam. Por isso, fingi

olhar em volta, para o bar, como se estivesse extraordinariamente interessado na cena das pessoas comuns envolvidas em agitadas conversas. Sentia-me satisfeito por não ter cedido e termos combinado encontrar-nos com o Lohman já no restaurante; em pensamento, vi o Serge a entrar pelas portas de *saloon*, o esgar que incentivaria as pessoas comuns a continuarem a fazer aquilo que estavam a fazer e não a focarem-se nele.

— Ele não te disse nada? — perguntou a Claire. — Quer dizer, ele contigo falará de outras coisas que a mim não diz. Talvez alguma coisa com uma rapariga? Algo que ele te conte mais facilmente a ti?

Tivemos de nos desviar um nadinha porque a porta da casa de banho abriu-se e depois ficámos ainda mais próximos um do outro. Senti o copo de cerveja da Claire tocar no meu.

— Alguma coisa com miúdas? — tornou a perguntar.

Antes fosse verdade, pensei. Qualquer coisa com raparigas... Como seria maravilhoso, maravilhosamente normal, as complicações típicas da puberdade. «A Chantal/Merel/ Roos pode cá ficar a dormir esta noite?» «Os pais dela sabem? Se os pais da Chantal/Merel/ Roos concordam, nós também não temos problema nenhum. Desde que te lembres de... desde que tenhas cuidado com... Bem, tu sabes, provavelmente já não preciso de te explicar. Certo, Michel?»

Apareciam raparigas vezes suficientes em casa, cada uma mais bonita do que a outra, sentavam-se no sofá ou à mesa da cozinha e cumprimentavam-me educadamente quando eu chegava a casa. «Boa tarde...» «Não precisas de me tratar por senhor.» Contudo, tratavam-me uma única vez por «tu» e «Paul», e, uns dias mais tarde, era outra vez «o senhor», como de costume.

Às vezes atendia uma delas ao telefone e, enquanto perguntava se podia ficar com um recado para o Michel, fechava

os olhos e tentava associar a voz que estava do outro lado (raramente mencionavam o nome, iam logo direito ao assunto: «O Michel está?») a um determinado rosto. «Não, não senhor, a sério que não é preciso. Foi só porque o telemóvel dele está desligado e por isso tentei ligar para aí.»

Uma vez tive a sensação de os ter apanhado em falso ao entrar — de que o Michel e a Chantal/Merel/Roos estavam a ver *The Fabulous Life* na MTV de uma forma menos inocente do que parecia, de que tinham estado a apalpar-se e tinham endireitado a roupa e composto o cabelo rapidamente ao ouvir-me chegar. Foi qualquer coisa na vermelhidão do rosto do Michel — algo excitado, pareceu-me.

Mas, para ser honesto, não fazia ideia. Talvez não tivesse acontecido nada e todas essas raparigas bonitas olhassem para o meu filho sobretudo como um bom amigo: um rapaz amável, razoavelmente bonito, alguém com quem podiam ir a uma festa — um rapaz em que confiavam por não ser um daqueles tipos que começam logo a apalpá-las todas.

— Não, não creio que tenha a ver com alguma rapariga — respondi, agora sim, encarando a Claire. Este é o lado sufocante da felicidade: estar tudo exposto como um livro aberto em cima de uma mesa: se continuasse a evitar olhá-la de frente, ela ficaria com a certeza de que algo se passava com miúdas ou ainda pior. — Mais depressa imagino que esteja relacionado com a escola — acrescentei. — Passou por uma semana de testes, acho está simplesmente cansado. Talvez tenha subestimado um pouco a dificuldade dos testes e do 10.º ano. É um ano é puxado.

Terá soado plausível? E sobretudo: terei feito um ar crível? A Claire lançou um olhar rápido ao meu olho esquerdo, e depois ao direito; em seguida, ergueu a mão para a gola da

minha camisa, como se houvesse alguma coisa errada que ainda pudesse ser corrigida de modo a não fazer má figura no restaurante.

Sorriu e assentou a mão no meu peito. Senti a ponta de dois dedos na pele, no sítio onde o botão superior da camisa estava aberto.

— Talvez seja isso — disse ela. — Mas acho que devemos ter cuidado para que ele, a uma certa altura, não deixe de nos contar o que quer que seja. Que nos habituemos a isso, quero dizer.

— Não, claro que não. Nesta idade ele também tem algum direito aos seus segredos. Não devemos querer saber tudo acerca dele, antes pelo contrário, senão é bem capaz de se retrair.

Fixei os olhos na Claire. A minha mulher, pensei nesse momento. Por que motivo não poderia chamá-la de minha mulher? A minha mulher. Abracei-a pela cintura e apertei-a de encontro a mim. Nem que fosse só durante esta noite. Eu e a minha mulher, disse em pensamento. Eu e a minha mulher gostaríamos de ver a lista de vinhos.

— De que te ris? — perguntou a Claire. Perguntou a minha mulher. Olhei para os nossos copos. O meu estava vazio, o dela ainda tinha três quartos de cerveja. Como sempre. A minha mulher bebia mais devagar do que eu, e, também por isso, gostava dela; esta noite talvez ainda mais do que todas as outras noites.

— Nada — respondi. — Estava a pensar... estava a pensar em nós dois.

Aconteceu muito depressa: de repente, olhei para a Claire, para a minha mulher, provavelmente com um olhar carinhoso ou então com um olhar divertido, e, no momento seguinte, senti um véu húmido toldar-me a vista.

Como não queria de maneira nenhuma que ela desse pelo que se estava a passar comigo, escondi a minha cara no seu cabelo. Apertei-lhe a cintura com mais força e inalei: champô. Champô e ainda outra coisa, algo morno — o cheiro a felicidade, pensei.

Como teria sido esta noite se eu, uma hora antes, tivesse permanecido no rés do chão a fazer horas até ir para o restaurante, em vez de subir as escadas até ao quarto do Michel?

Como teria sido, nesse caso, o resto das nossas vidas?

Será que o cheiro a felicidade que eu agora inalava do cabelo da minha mulher continuaria a ser de felicidade e não, como agora, de memória de um passado longínquo — como o aroma de algo que se pode perder de um segundo para o outro?

### 3

— Michel?

Estava à entrada do quarto. Ele não estava. Aliás, tenho de ser honesto: eu sabia que ele não estava. Estava no quintal a remendar o pneu traseiro da bicicleta.

Fingi não ter reparado nisso, fiz de conta que pensava que ele, como seria habitual, estivesse no seu quarto.

— Michel?

Bati à porta, que estava meio aberta. A Claire estava no nosso quarto a remexer os armários. Tínhamos de sair para o restaurante dali a menos de uma hora e ela ainda hesitava entre a saia preta com as botas pretas ou as calças pretas com os ténis da *DKNY*. «Que brincos hei de pôr?», perguntar-me-ia dali a pouco. «Estes ou estes?» Eu responderia que os pequenos ficariam melhor, tanto com a saia como com as calças.

Nesse intervalo, estava no quarto do Michel. Dei logo de caras com aquilo que procurava.

Quero sublinhar que nunca tinha feito uma coisa destas antes. Nunca. Se o Michel estava na conversa ao computador, punha-me sempre ao lado dele de maneira a ficar com as costas meio voltadas para o computador, sem conseguir ver o ecrã. Queria que ele percebesse, pela minha expressão corporal, que não espiolhava ou lia disfarçadamente o que tinha escrito

no ecrã. Às vezes, ouvia-se um som a imitar uma flauta de Pã vindo do telemóvel, indicando que havia uma mensagem. Costumava deixar o telemóvel num sítio qualquer, e não nego que, por vezes, me senti tentado a dar uma espreitadela, sobretudo quando ele não estava em casa. «Quem estará a enviar-lhe uma mensagem? O que é que ele/ela escreveu?» Agarrei uma única vez no telemóvel do Michel, sabendo que ele só voltaria do ginásio dali a uma hora e que simplesmente o tinha esquecido — este ainda era o antigo telemóvel, um *Sony Ericsson* sem tampa: «nova mensagem» estava escrito sob a imagem de um envelope no ecrã. «Não sei o que me deu, antes de dar por isso, já tinha o teu telemóvel na mão e a mensagem lida.» Podia ser que nunca viesse a descobrir, mas também podia ser que sim. Ele não diria nada, mas iria suspeitar de mim ou da mãe: uma fissura que, com o passar do tempo, se tornaria uma grande fenda. A nossa vida enquanto família feliz nunca mais seria a mesma.

Era só meia dúzia de passos até à secretária dele, em frente da janela. Se me debruçasse, conseguia vê-lo ocupado nas lajes do terraço diante da porta da cozinha, a remendar o pneu — e, se o Michel olhasse para cima, conseguiria ver o pai à janela do seu quarto.

Peguei no telemóvel, um *Samsung* preto novinho em folha, que estava em cima da secretária, e fiz deslizar a tampa. Não sabia o código, se estivesse desligado não teria por onde começar, mas o ecrã iluminou-se, mostrando, quase de seguida, uma fotografia desfocada do logótipo da *Nike*, tirada, quase de certeza, de uma peça do seu vestuário: dos sapatos ou do gorro preto que ele usa sempre enterrado quase até aos olhos, mesmo quando está calor, ou dentro de casa.

À pressa, procurei o menu principal, muito parecido com o do meu próprio telemóvel, também um *Samsung*, apesar de

ser um modelo com mais seis meses e, por isso mesmo, irremediavelmente antiquado. Carreguei em «Meus Ficheiros» e, depois, em «Vídeos». Encontrei o que procurava mais depressa do que imaginava.

Olhei em volta e senti a cabeça a arrefecer devagar. O tipo de frio que se sente quando se dá uma dentada demasiado grande num gelado ou se dá um trago ávido numa bebida gelada.

— Era um frio que doía por dentro.

Olhei em volta mais uma vez e continuei a procurar. Reparei que havia muitos mais, mas era difícil dizer quantos mais à primeira vista.

— Pai?

A voz do Michel vinha lá de baixo, mas conseguia ouvi-lo a subir as escadas. Fiz deslizar a tampa do telemóvel rapidamente e pu-lo de volta na secretária.

— Pai?

Era demasiado tarde para me enfiar à pressa no nosso quarto, tirar uma camisa ou um casaco e pôr-me em frente ao espelho; a única opção que me restava era sair do quarto do Michel de um modo tão descontraído quanto possível, como se estivesse à procura de alguma coisa.

Como se estivesse à procura dele.

— Pai.

Tinha parado ao cimo das escadas e olhava de esguelha para o quarto. Depois olhou para mim. Trazia o gorro da *Nike* enfiado na cabeça, o *iPod* nano preto balançava no peito, preso por um cordão; à volta do pescoço, pendiam uns auscultadores. Tinha de se lhe fazer justiça, estava-se nas tintas para estatutos sociais e, ao fim de umas semanas, substituíra logo os auriculares brancos por uns normais, por produzirem um som muito melhor.

Todas as famílias felizes são parecidas, ocorreu-me pela primeira vez nessa noite.

— Estava à procura... — balbuciei. — Perguntei-me onde estarias.

O Michel quase tinha morrido à nascença. Ainda pensava regularmente naquele corpinho arroxeadado e enrugado na incubadora, pouco depois da cesariana. A sua existência não era apenas um presente, mas também felicidade.

— Estava a remendar o pneu — disse ele. — Sabes se ainda temos válvulas soltas cá por casa?

— Válvulas — repeti. Não sou o tipo de pessoa que remenda pneus, nem tal me passaria pela cabeça. No entanto, o meu filho ainda acreditava, contra todas as evidências, numa outra versão do pai; uma versão que sabia onde estavam as válvulas.

— O que estavas a fazer aqui em cima? — perguntou ele de repente. — Disseste que andavas à minha procura. O que querias?

Encarei-o, olhei-o nos olhos claros sob o gorro, olhos honestos, olhos que, na minha imaginação, formavam uma parte nada negligenciável da nossa felicidade.

— Nada de especial — disse. — Estava só à tua procura.

## 4

Claro que ainda não tinham chegado.

Sem querer revelar demasiado sobre a localização, posso dizer que, visto da rua, o restaurante está encoberto por árvores. Eu e a minha mulher já estávamos meia hora atrasados e, enquanto caminhávamos pelo carreiro de cascalho iluminado por archotes elétricos em direção à entrada, discutíamos a possibilidade de, por uma vez, não serem os Lohman, mas nós, os últimos a chegar.

— Vai uma aposta? — disse eu.

— Apostar para quê? — respondeu a Claire. — Se eles não estão.

Uma rapariga com uma *t-shirt* preta e um avental preto até aos tornozelos ficou com os nossos casacos. Uma outra rapariga com roupa preta idêntica inspecionava um livro de reservas aberto sobre um atril.

Vi que fingia, e mal, ainda por cima, desconhecer o nome Lohman.

— Sr. Lohman, diz o senhor? — Franziu uma sobrancelha, sem fazer qualquer esforço para ocultar o desapontamento de não estar perante o Serge Lohman em pessoa, mas sim diante de duas pessoas cujos rostos não lhe diziam absolutamente nada.

Podia tê-la ajudado dizendo-lhe que o Serge Lohman vinha a caminho, mas não o fiz.

O atril era iluminado por um pequeno candeeiro delgado cor de cobre: *art déco* ou outra coisa agora na moda, ou então acabado de sair de moda. A rapariga tinha esticado o cabelo, que era tão preto como a *t-shirt* e o avental, apanhando-o num rabo de cavalo fininho, como que a condizer com a decoração do restaurante. A rapariga que ficara com os nossos casacos também tinha o cabelo apanhado da mesma forma. Talvez fossem instruções, pensei para comigo, instruções dadas por motivos higiénicos, tal como as máscaras numa sala de operações. Este restaurante alardeava que todos os produtos servidos eram «biológicos» — a carne ainda era de animais, mas de animais que «tinham levado uma vida boa».

Espreitei por cima das cabeças de cabelo preto e esticado para ver o interior do restaurante, avistando as primeiras duas ou três mesas visíveis dali. À esquerda, ao lado da entrada, ficava a «cozinha aberta». Pelos vistos, alguma coisa estava a ser flamejada nesse momento, seguida pelas inevitáveis nuvens de fumo azul e pela coreografia das chamas.

Voltei a perceber que estava sem vontade nenhuma, a minha relutância em relação à noite que nos esperava entretanto era quase física — um leve enjoo, mãos húmidas e o começo de uma dor de cabeça por trás do olho esquerdo —, mas não o bastante para me sentir mal ou perder os sentidos logo ali.

Imaginei como reagiriam as raparigas de aventais pretos perante clientes que, ainda mesmo antes de passarem o atril, já tinham desmaiado: se tentariam esconder-me rapidamente no bengaleiro, longe da vista dos outros clientes. É provável que me deixassem sentar num banquinho atrás dos casacos.

Bem-educadas, mas decididas, indagariam se eu queria que chamassem um táxi. Rua! Rua com este homem! Como seria fantástico deixar o Serge a falar sozinho, que alívio poder dar a volta a esta noite.

Refleti sobre as várias possibilidades. Podíamos voltar ao bar e encomendar um prato de comida simples para gente simples. Tinha visto o prato do dia escrito a giz num quadro preto — «Entrecosto com batatas fritas 11,50» —, provavelmente menos de um décimo da quantia que iríamos esbanjar ali por pessoa.

Outra possibilidade era voltar em linha reta para casa, fazendo, no máximo, um desvio pelo clube de vídeo para alugar um DVD, para, em seguida, o vermos na televisão do nosso quarto, na nossa espaçosa cama de casal; um copo de vinho, umas bolachas salgadas, uns queijinhos (mais um desvio pela loja de conveniência), e o programa ideal desta noite estava completo.

Faria um sacrifício abnegado, prometi em pensamento, e deixaria a Claire escolher o filme, mesmo sabendo com toda a certeza que iria ser um filme de época. *Orgulho e Preconceito*, *Quarto com Vista sobre a Cidade* ou algo do género de *Um Crime no Expresso do Oriente*. Pois, podia fazer isso, pensei para comigo, podia fingir que me sentia mal e depois podíamos ir para casa. Mas disse:

— Serge Lohman, a mesa junto ao jardim.

A rapariga levantou a cabeça do livro e fitou-me.

— Mas o senhor não é o Sr. Lohman — disse ela, sem pestanejar.

Nesse momento amaldiçoei tudo e todos: o restaurante, as raparigas de avental preto, a noite já estragada mesmo antes de começar — porém, acima de tudo amaldiçoei o Serge, este

jantar em que ele tanto insistira, um jantar para o qual nem sequer tinha tido a boa educação de chegar a horas. Na verdade, nunca chegava a horas a lado nenhum; até nos sindicatos na província as pessoas tinham de esperar por ele — o atarefadíssimo Serge Lohman estava provavelmente atrasado, o encontro no sindicato anterior tinha-se prolongado e agora ele estava algures preso no trânsito. E nem era ele que conduzia — não, conduzir era um desperdício de tempo para alguém com os talentos do Serge; quem conduzia era um motorista, para assim ele poder utilizar o seu tempo precioso a ler documentos importantes.

— Sou, sim — respondi-lhe. — O nome é Lohman. — Continuei a olhar fixamente para a rapariga, que agora piscava os olhos, e abri a boca para proferir a frase seguinte. Chegara o momento da vitória; mas era uma vitória com sabor a derrota. — Sou o irmão — rematei.

## 5

— Hoje, o aperitivo da casa é um champanhe cor-de-rosa.

O gerente — ou o *maître*, ou o responsável pelo restaurante, ou o empregado principal, ou lá como lhes chamam neste tipo de restaurantes — não estava de avental preto. Vestia fato completo. O fato era verde-claro às risquinhas azuis e, do bolso superior, saía a ponta de um lenço também azul.

Falava num tom de voz tão baixo que mal se sobrepunha ao ruído da sala; notámos logo que havia algo de errado com a acústica assim que nos sentámos (uma mesa com vista para o jardim!, tinha acertado). Era preciso falar mais alto do que o normal, ou então as palavras dissipavam-se, desaparecendo em direção ao teto de vidro, que, aqui neste restaurante, também era mais alto do que o normal. Estupidamente alto, dir-se-ia, já que em tempos o edifício fora uma fábrica de laticínios, lera eu algures, ou de tratamento de resíduos.

O gerente apontava agora com o mindinho para qualquer coisa na nossa mesa. Para uma velinha para *réchaud*, pensei primeiro — todas as mesas tinham, em vez de uma vela, ou velas, uma velinha para *réchaud* —, mas o mindinho apontava, na verdade, para uma pequena taça com azeitonas, aparentemente acabada de ser posta na mesa pelo gerente. Pelo menos eu não me lembrava de a ter visto quando ele puxou as cadeiras

para nos sentarmos. Quando teria ele posto a taça na mesa? Fui acometido por um breve, mas forte, acesso de pânico. Ultimamente acontecia-me com mais frequência perder instantes — fragmentos de tempo, momentos em branco em que, pelos vistos, me encontrava noutra sítio em pensamentos.

— Isto são azeitonas do Peloponeso, levemente borrifadas com a primeira colheita de azeite extra virgem do norte da Sardenha, e finalizadas com alecrim de...

Ao pronunciar estas últimas palavras, o gerente debruçou-se um pouco mais sobre a mesa; mesmo assim, quase não o entendíamos — a última parte da frase perdeu-se por completo, pelo que continuámos sem saber a origem do alecrim. Por norma, estou-me bem nas tintas para este tipo de informação, queria lá saber se o alecrim vinha do vale do Ruhr ou das Ardenas, mas achei a quantidade de palavreado tão excessiva para uma taça de azeitonas que não fazia tenção de o deixar escapar-se.

Além disso, havia o mindinho. Por que razão havia alguém de apontar com o mindinho? Por ser chique? Por condizer com o fato às risquinhas azuis, tal como o lenço azul-claro? Ou será que o tipo tinha alguma coisa a esconder? Não nos mostrava o resto dos dedos porque os tinha dobrado na palma da mão, de modo a escondê-los — talvez estivessem cobertos de eczemas escamosos ou sinais de uma doença intratável.

— Finalizadas? — instei.

— Sim, finalizadas com alecrim. Finalizadas significa que...

— Eu sei o que finalizar significa — retorqui rispidamente, e talvez também um pouco alto demais, porque numa mesa próxima um homem e uma mulher interromperam por instantes a conversa e olharam na nossa direção: um homem com uma barba excessivamente grande que lhe tapava a cara quase

por completo, e uma mulher um pouco jovem demais para a idade dele, que calculei ter vinte e muitos anos; o segundo casamento, pensei, ou um caso fortuito com uma mulher que ele tentava impressionar levando-a a um restaurante como este. — Finalizadas — prossegui em voz mais baixa —, sei que as azeitonas não foram «finalizadas», como em «terminadas» ou «mortas a tiro».

Pelo canto do olho, conseguia ver que a Claire virara a cara e olhava lá para fora. Não era um bom começo; a noite já estava estragada, e eu não devia torná-la pior, sobretudo para a minha mulher.

Nesse momento, porém, o gerente fez algo que eu não esperava. Eu até meio que pensara que ele iria ficar de boca aberta, que o lábio inferior começaria a tremer e que ele talvez até corasse, após o que gaguejaria umas desculpas vagas — uma instrução dos seus superiores, um código de conduta para lidar com clientes difíceis e mal-educados —, mas, em vez disso, desatou a rir-se. E, para mais, era um riso genuíno, não um riso falso ou de circunstância.

— Peço imensa desculpa — disse ele, levando a mão à boca; os dedos continuavam dobrados na palma da mão como anteriormente ao apontar para as azeitonas, só o mindinho permanecia espetado. — Nunca tinha olhado para o assunto sob esta perspectiva.

## 6

— Qual será a intenção daquele fato? — perguntei à Claire depois de termos pedido o aperitivo da casa e de o gerente se ter ido embora.

A Claire levantou a mão e afagou-me a face por um breve instante.

— Querido...

— Não, ouve, acho estranho, porque aquilo tem um sentido, ele pensou sobre o assunto. Não vais dizer-me que não foi de propósito.

A minha mulher presenteou-me com um sorriso delicioso, o sorriso que me oferecia sempre que eu me irritava com uma ninharia — um sorriso que, no máximo, queria dizer que ela se divertia, mas que eu não devia pensar sequer por um momento que fosse que ela me iria levar a sério.

— E a vela de *réchaud* — continuei. — Porque não um urso de peluche? Ou uma marcha silenciosa?

A Claire tirou uma azeitona do Peloponeso da taça e levou-a à boca.

— Hum — disse ela. — Que delícia. Só é pena dar para perceber que o alecrim não apanhou sol suficiente.

Agora era a minha vez de sorrir à minha mulher; o alecrim, tinha o gerente acabado por nos contar, era de «cultura

própria» e oriundo de uma pequena estufa envidraçada atrás do restaurante.

— Reparaste que ele está sempre a apontar com o mindinho? — comentei enquanto abria a ementa.

Para dizer a verdade, o que eu queria realmente era ver os preços das entradas: os preços em restaurantes como este fascinam-me muito. Não sou avarento, não é essa a questão. Também não vou afirmar que o dinheiro não é importante, mas estou a milhas de distância das pessoas que acham que «é um desperdício» comer num restaurante quando «em casa, muitas vezes, se cozinha melhor». Não, essas pessoas não percebem nada nem de comida, nem de restaurantes.

O meu fascínio é uma coisa diferente e tem que ver com aquilo a que, para facilitar, chamarei a distância intransponível entre o prato e a quantia a pagar por ele: como se as duas grandezas — de um lado o dinheiro, do outro a comida — não estivessem de modo algum relacionadas, como se vivessem em dois mundos diferentes, sem contacto entre si, e não devessem sequer aparecer juntas numa ementa.

Era isso que eu queria fazer: queria ler o nome dos pratos e depois os preços correspondentes, mas a minha atenção foi desviada para algo na página esquerda da ementa.

Olhei, voltei a olhar, e tentei encontrar o fato do gerente.

— O que se passa? — perguntou a Claire.

— Sabes o que está aqui escrito?

A minha mulher olhou-me, inquisitiva.

— Diz aqui «Aperitivo da casa, dez euros».

— Ai, sim?

— Não achas estranho? — insisti. — O tipo diz-nos: «Hoje o aperitivo da casa é champanhe cor-de-rosa.» O que é que uma pessoa pensa? Que lhe estão a oferecer o champanhe

cor-de-rosa. Ou sou eu que estou doido? Se é da casa, então é de graça, não? «Podemos oferecer-lhe alguma coisa da casa?» Sendo assim, não custa dez euros, é grátis.

— Não, espera, nem sempre. Se na ementa estiver «bife à *la maison*», ou seja, bife da casa, só significa que é feito segundo a receita da casa. Não, não é um bom exemplo... Vinho da casa! Vinho da casa não significa que o vinho seja de graça.

— OK, OK, tens razão. Mas isto é diferente. Eu ainda nem sequer tinha olhado para a ementa. Um sujeito de fato completo que puxa as cadeiras para te sentares põe uma taça de azeitonas sem graça nenhuma à frente do teu nariz e, em seguida, diz qualquer coisa sobre o aperitivo da casa do dia. Não achas confuso, no mínimo? Mais depressa parece uma oferta do que um aperitivo pelo qual vais pagar dez euros. Dez euros! Dez! Vê a coisa assim: será que teríamos pedido um copo de champanhe cor-de-rosa deslavado se tivéssemos visto antes na lista que custava dez euros?

— Não.

— Pois, é aí que eu quero chegar. És simplesmente levada a cair na esparrela com a conversa da «casa».

— Sim.

Olhei para a minha mulher, mas ela devolveu-me o olhar com um ar sério.

— Não, não estou a gozar — disse ela. — Tens toda a razão. É realmente muito diferente de um bife ou de um vinho da casa. Percebo o que queres dizer. É mesmo muito estranho. Até parece que fazem de propósito, para ver se cais.

— Não é?

À distância, vi o fato completo entrar apressadamente na cozinha; acenei com a mão, mas só uma das raparigas de avental preto deu por isso, dirigindo-se de imediato à nossa mesa.

— Ouça lá — disse, lançando um olhar fugaz à Claire, procurando apoio, ou amor, ou somente um olhar de acordo, enquanto segurava a ementa para a rapariga ver que connosco a conversa do chamado aperitivo da casa não funcionava. Mas o olhar da Claire estava concentrado noutro ponto bem atrás de mim, num lugar que eu sabia ser a entrada do restaurante.

— Lá vêm eles — anunciou.

**Uma história provocadora,  
tensa e brilhante em que a natureza  
do mal é exposta à mesa de jantar**

É uma noite de verão em Amesterdão, e dois casais encontram-se num restaurante sofisticado. Entre garfadas e o tilintar dos talheres, a conversa mantém-se num murmúrio suave de discurso polido. Mas, por trás das palavras vazias, há coisas terríveis que precisam de ser ditas, e, a cada sorriso forçado e a cada novo prato, as facas vão sendo afiadas.

À medida que o jantar atinge o seu clímax gastronómico, a tensão cresce e a conversa acaba por se centrar nos seus filhos. Cada casal tem um filho de quinze anos, e os dois rapazes são responsáveis por um ato de violência atroz que desencadeou uma investigação policial e abalou o mundo confortável das suas famílias. Com a civilidade e a amizade a desintegrarem-se, cada casal revela até onde está disposto a ir para defender o que é seu e impedir o seu mundo de ruir.

«Herman Koch criou uma iguaria astuta, sombria,  
envolvente e de leitura compulsiva.»

***The New York Times***



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

  penguinlivros

ISBN: 978-989-599-679-0



9 789895 896790